



HISTÓRIA DE VIDA, FORMAÇÃO E DESENVOLVIMENTO PROFISSIONAL DE UM PROFESSOR DE EDUCAÇÃO FÍSICA DAS REDES PÚBLICAS DE EDUCAÇÃO¹

Rozicleiton Magalhães Nunes

Marcos Roberto Godoi

Rede Municipal de Educação de Cuiabá – Brasil

Resumo: O objetivo desta pesquisa foi analisar a história de vida, formação e desenvolvimento profissional de um professor de Educação Física que atua nas redes de educação pública (municipal e estadual). Realizamos um estudo de caso com um professor de Educação Física, com 28 anos de profissão e que se destaca por fazer um trabalho diferenciado. Os resultados mostraram que ele passou por diferentes etapas na carreira docente (entrada, estabilização, questionamento, diversificação e serenidade). Pensou em desistir da carreira, investiu na formação continuada e na experimentação de novos conteúdos. As experiências mais significativas foram com jogos cooperativos, danças circulares e folclóricas, a criação de um grupo de dança, participação na Mostra de Trabalhos Pedagógicos, no projeto com povos indígenas e o convite para ministrar uma disciplina em um curso de especialização em Educação Física escolar.

Palavras-chave: história de vida; formação; educação física.

INTRODUÇÃO

Vários estudiosos da área da educação têm investigado as relações entre a vida pessoal e profissional dos professores. De acordo com Nóvoa (1995a), as ciências da Educação passaram a utilizar desde a década de 1970 métodos biográficos, a autoformação e as biografias educativas, esse movimento tem uma crescente importância no universo educacional. No campo da Educação Física brasileira esse movimento parece ser recente. Pode-se perceber um aumento do

¹ Trabalho apresentado no II Congresso Internacional de Formação Profissional no campo da Educação Física e VI Seminário de Estudos e Pesquisas em Formação Profissional no campo da Educação Física, em Florianópolis-SC.

interesse no tema nos últimos anos, embora o primeiro estudo encontrado tenha sido realizado há 15 anos.

Betti e Mizukami (1997), por exemplo, analisaram a história de vida de uma professora de Educação Física recém-aposentada; Almeida e Fensterseifer (2007) investigaram as trajetórias de duas professoras de Educação Física formadas em diferentes momentos históricos, mas com uma prática pedagógica semelhante baseada em atividades esportivas como um fim em si mesmas; Santos, Bracht e Almeida (2009) analisaram as experiências escolares, formação e trajetória profissional de três professoras com mais de 20 anos de carreira e um professor aposentado; Folle et al. (2009) investigaram as escolhas, perspectivas e trajetórias vivenciadas por quatro professores de Educação Física em diferentes fases da carreira; Folle e Nascimento (2009) estudaram os momentos marcantes da trajetória profissional de quatro professores de Educação Física, com mais de 25 anos de atuação no magistério público; Oliveira, Diehl e Silva (2009) apresentaram uma proposta de pesquisa com o intuito de analisar como o professorado de Educação Física da Rede Municipal de Educação de Porto Alegre narra sua história de vida e confere sentidos para a Educação Física escolar nos tempos atuais.

Amorim Filho e Ramos (2010) investigaram as trajetórias de vida de duas professoras de Educação Física escolar, sendo uma experiente e outra novata, que atuam nos ensinos fundamental e médio; Folle e Nascimento (2010) analisaram a trajetória docente, os percursos formativos e profissionais de quatro professores de Educação Física com mais de 25 anos de intervenção profissional em escolas estaduais; Alcântara e Moraes (2011) estudaram as histórias de vida e de trabalho de nove docentes do ensino superior de licenciatura em Educação Física; Costa, Henrique e Freitas (2011) analisaram o processo de socialização antecipatória (relações sociais anteriores à fase de profissionalização) de uma professora de Educação Física em fase de entrada na carreira, e buscaram identificar as percepções pessoais sobre a vida na escola; Wittizorecki e Molina Neto (2011) investigaram como as mudanças sociais influenciam o trabalho de seis professores de Educação Física, produzindo respostas e enfrentamentos às demandas sociais, culturais e educacionais.

Conforme Goodson (1995, p. 71), “o respeito pelo autobiográfico, pela ‘vida’, é apenas um aspecto duma relação que permita fazer ouvir a voz dos professores”, além disso, este tipo de pesquisa é importante porque:

Os estudos referentes às vidas dos professores podem ajudar-nos a ver o indivíduo em relação com a história do seu tempo, permitindo-nos encarar a interseção da história de vida com a história da sociedade, esclarecendo, assim, as escolhas, contingências e opções que se deparam ao indivíduo (GOODSON, 1995, p. 75).

Huberman (1995) identificou um ciclo de vida profissional dos professores, com as características mais comuns dos docentes, mediante o tempo em que eles atuam. Este ciclo compreende as seguintes fases: *a entrada na carreira, a fase de estabilização, a fase de diversificação, a fase em que o professor põe-se em questão, a fase de serenidade e distanciamento afetivo, a fase de conservantismo e lamentações, e a fase de desinvestimento da carreira*. Vale destacar que essas fases não são estanques e nem devem ser entendidas como uma camisa de força, mas são representativas dos vários momentos vivenciados pela maior parte dos professores.

Sendo assim, o tema desta pesquisa baseia-se na história de vida e desenvolvimento profissional de um professor de Educação Física das redes públicas (municipal e estadual) de educação com muitos anos de experiência. Com base neste tema, levantamos a seguinte pergunta de pesquisa: Qual é a história de vida, formação e desenvolvimento profissional de um professor de Educação Física escolar das redes públicas de ensino com muitos anos de experiência?

O objetivo geral desta pesquisa foi analisar a história de vida e desenvolvimento profissional de um professor de Educação Física que atua nas redes públicas (municipal e estadual) de educação de Cuiabá-MT, que se destaca por fazer um trabalho diferenciado e ser reconhecido entre seus pares. Especificamente, buscou-se investigar: a) a motivação para a escolha da profissão e se houve algum modelo de professor que o inspirou, a formação inicial e o ingresso na área escolar; b) a trajetória profissional, as imagens que tem de si nos diferentes momentos da carreira e as experiências mais significativas na docência; c) o envolvimento do professor com os colegas de trabalho e com o movimento sindical; d) a percepção sobre as políticas educacionais e a formação continuada; e) a possibilidade de abandono da carreira e o apoio familiar.

A opção por esta abordagem deve-se ao fato de que somente analisando a biografia, tanto pessoal quanto profissional, pode-se refletir e aprofundar sobre as diferentes fases da carreira do sujeito pesquisado. A coleta de dados aconteceu no dia 13 de outubro de 2011, em uma das escolas em que o professor leciona.

Os instrumentos de coleta dos dados foram um questionário com questões objetivas e um roteiro de entrevista semiestruturado. Foi assumida uma responsabilidade ética com o professor entrevistado, foram esclarecidos o objetivo do estudo, os procedimentos metodológicos e a importância da participação do voluntário. O anonimato do docente e das escolas onde ele lecionou foram garantidos. Após ele assinar o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido, autorizando e concordando com a pesquisa, aplicamos o questionário e realizamos a entrevista. Depois, passamos para a fase de transcrição das informações fornecidas, em seguida, fizemos a devolutiva da transcrição para o professor checar as informações. Ele fez algumas correções e acréscimos. Em seguida partimos para a organização dos dados e sua posterior análise.

ANÁLISE E DISCUSSÃO DOS DADOS

O professor pesquisado tem 54 anos de idade, nasceu no Rio de Janeiro-RJ, é casado, tem dois filhos e se formou em 1982 na Universidade do Estado do Rio de Janeiro (UERJ). Ele é especialista em Educação Física escolar e atua em escolas há 28 anos, sendo que tem dois concursos (Estado e Município), trabalha atualmente em duas escolas, em um total de 50h semanais. Mas no decorrer de sua carreira, já lecionou em seis escolas diferentes.

a) Motivo da escolha da profissão, formação inicial e início da carreira

A escolha da profissão aconteceu pelo fato de que o professor gostava de praticar esportes. De acordo com Santos, Bracht e Almeida (2009), a paixão pelos esportes e o envolvimento com ele antes mesmo da entrada na universidade é o argumento mais comum entre os profissionais da área em relação à escolha da docência em Educação Física².

Ele disse que nenhum professor serviu como modelo profissional, até porque sua formação profissional ocorreu na época da ditadura militar, sendo assim, seus professores eram muito rígidos e tecnicistas. De acordo com Goodson (1995), o professor preferido pode influenciar significativamente a pessoa enquanto jovem aluno. No entanto, seus professores da faculdade parecem ter servido como um antimodelo. Vejamos um de seus depoimentos sobre o período da formação inicial (faculdade):

[...] porque eu mesmo confesso que entrei iludido com a área esportiva. Eu gostava de nadar quando era rapaz, e achava que iria ser técnico de natação, alguma coisa assim. E quando acaba tive até dificuldade de passar na disciplina de natação na universidade, peguei um professor que era da Escola Naval do Rio de Janeiro, o cara era o cara, entendeu? Então mandou a gente nadar 400 metros, nunca tinha nadado 400 metros. Então o negócio era puxado demais. O professor de atletismo na universidade era o militar do exército, ele pensava que a gente era soldado.

Conforme Betti e Betti (1996), um grande número de professores de Educação Física que trabalha nas escolas se licenciou até a década de 1980 e teve como modelo de formação o currículo tradicional-esportivo, que enfatiza as disciplinas “práticas”, especialmente as esportivas, nas quais o graduando deveria executar e demonstrar habilidades técnicas e capacidades físicas.

² Mas não é o único motivo da escolha profissional, Betti e Mizukami (1997), identificaram que a motivação para a escolha profissional de uma professora pesquisada foi em razão do prazer de jogar e brincar na infância, o hábito dos familiares em praticar esportes e seu gosto especial pela ginástica.

O professor começou a ministrar aulas em escolas em 1982, ano em que se formou no Rio de Janeiro, mas antes mesmo de se formar estagiou em escolas privadas. Em Mato Grosso, ele começou a lecionar em 1983. No início da carreira o professor trabalhava em vários locais: escolas públicas e particulares, academia e até como árbitro de futebol profissional, mas ele foi:

Sentindo um prazer maior quando estava nas escolas pelo contato com alunos, por um dia não ser igual ao outro. Escola é muito dinâmica, então a academia que eu trabalhava, dava aula de natação, parecia que todo dia era a mesma coisa, e escola não. A escola é dinâmica, as coisas acontecem, até os problemas são diferentes, tem o carinho dos alunos também. Então você tem mais liberdade pra trabalhar e fazer seu trabalho numa escola pública. Daí que fui me identificando e deixando as outras áreas, ficando mais na educação física escolar.

De acordo com Huberman (1995), a fase da entrada na carreira é caracterizada pelo tema global da exploração, esta que pode ser sistemática ou aleatória, fácil ou problemática, concludente ou enganadora. No caso do professor pesquisado, no início de sua carreira havia um compromisso provisório com a escola, uma vez que ele tinha outras atividades profissionais em paralelo. Isso permitiu a ele uma comparação e uma identificação maior com a escola, por proporcionar maior prazer, pelo contato com os alunos e por ser um trabalho dinâmico.

A variedade de atividades que o professor desenvolvia o fez buscar uma estabilidade maior, que veio pela aprovação nos concursos públicos, o primeiro, para a rede municipal de educação de Cuiabá, o segundo, para a rede estadual de educação de Mato Grosso. Com o tempo, foi se envolvendo e se identificando mais com a área escolar. Conforme Huberman (1995), a fase de estabilização caracteriza-se pelo comprometimento definitivo e pela tomada de responsabilidades. A escolha de uma identidade profissional (no caso professor da área escolar) constitui uma etapa decisiva no desenvolvimento e uma contribuição para a afirmação mais forte do eu. Evitar ou adiar esta escolha conduz a uma “dispersão de papéis”.

No início de sua carreira, o professor era muito voltado para o conteúdo esporte, área técnica de competição, até pela sua própria formação inicial (faculdade) que lhe proporcionou isto. Depois ele começou a fazer cursos e foi se identificando com outras estratégias de ensino e começou a promover as mudanças nas suas práticas pedagógicas:

Então eu fui mudando minha prática aos poucos porque trabalhar com a competição não estava me gerando muita satisfação. Era muito desentendimento entre os alunos, brigas, então a gente acaba transferindo pra escola o que vê nos estádios. Então eu fui percebendo que a educação física tinha que ser trabalhada diferente e aí fui mudando. Inclusive danças, eu não trabalhava

com danças. Achava que dança era coisa pra professora, mas aí eu fui ver que dança também é conteúdo da Educação Física, então eu tinha que aprender. Então eu fui fazer curso de danças folclóricas, danças circulares.

Huberman (1995) destaca que na fase de experimentação e diversificação, as pessoas lançam-se em uma pequena série de experiências pessoais, diversificando o material didático, os modos de avaliação, a forma de agrupar os alunos, as sequências do programa (de ensino) etc. No caso do professor, ele buscou a diversificação e experimentação de novos conteúdos, no caso, danças circulares e folclóricas.

O professor disse ainda que depois de formado praticamente fez outra universidade, fez vários cursos de aperfeiçoamento, de capacitação, o que deu uma experiência, uma bagagem para que hoje se sinta bem no trabalho, pois antes, quando trabalhava somente com esportes, se sentia mal. Em suas palavras: “Hoje eu sinto mais desenvoltura, mais leve, porque o conhecimento que eu busquei depois me deu esse suporte, né? Para que eu tivesse mais eficácia no meu serviço”.

b) Trajetória profissional, imagem de si e experiências mais significativas

Sobre a imagem que tem de si nos diferentes momentos da carreira, no início era de insegurança por não saber direito o que fazer, uma vez que atuava em diferentes áreas (escola, natação, árbitro de futebol), mas depois teve uma sensação de busca. Começou a buscar novos conhecimentos, uma vez que o que tinha aprendido na faculdade não era suficiente, não estava dando suporte para a sua prática. Conforme Huberman (1995, p. 39), a entrada na carreira pode levar o profissional a um “choque do real”:

[...] a confrontação inicial com a complexidade da situação profissional: o tatear constante, a preocupação consigo próprio (“Estou-me a aguentar?”), a distância entre os ideais e as realidades cotidianas da sala de aula, a fragmentação do trabalho, a dificuldade em fazer face, simultaneamente, à relação pedagógica e à transmissão de conhecimentos, a oscilação entre relações demasiado íntimas e demasiado distantes, dificuldades com alunos que criam problemas, com material didático inadequado, etc.

Depois de um bom tempo, de uns 10 anos para cá, esta imagem é de satisfação, de participação e de se sentir útil na escola:

[...] porque eu via que eu era um apêndice da escola, Educação Física como uma atividade extra. Hoje não, hoje eu vejo que eu sou importante, faço parte da escola, eu sento na reunião participo dos programas da escola, dos projetos da escola. Eu não atuo só como professor de Educação Física, se tiver coordenação de projeto ambiental a gente tem que se envolver com essas coisas

que não são especificamente da Educação Física, então você se sente mais útil. Hoje eu me sinto útil. Antes eu tinha insegurança, me sentia meio discriminado pelos próprios colegas, hoje não, hoje os colegas me chamam (professor pesquisado).

O professor destaca que um dos fatores que fez com que ele melhorasse o seu trabalho é o fato de que:

[...] deixei de ser tecnicista e passei a ser mais humanista. Passei a me preocupar mais com o ser humano, não dividindo como cabeça, tronco e membros. O ser humano como um ser único. Quando você começa a enxergar isso, que aquele aluno que não tem habilidade ele não é um mau aluno, ele apenas não tem habilidade pra aquilo, e é o que mais precisa, então você consegue ver que existem diferenças e a gente pode melhorar essas diferenças. Isso te dá uma significância maior do seu trabalho. Quando eu quebrei essa visão tecnicista mais pra humanista do envolvimento, de observar o aluno de uma forma mais complexa, mais integral, aí comecei a melhorar também o meu trabalho [...].

O professor destacou as experiências mais significativas durante sua atuação nas escolas. Uma delas foi o trabalho com jogos cooperativos, danças circulares e folclóricas. Ele desenvolveu um projeto com alunos dos anos finais do ensino fundamental das duas escolas em que trabalhava. No início teve que insistir um pouco para mudar a realidade a qual os alunos estavam acostumados (jogos competitivos, futebol). Esse trabalho acabou desencadeando a criação de um grupo de dança na escola, que não era o enfoque inicial, nem se pretendia selecionar os mais habilidosos, mas a ideia de criar o grupo surgiu das aulas de Educação Física. Depois disso, o grupo de dança da escola passou a ser chamado para se apresentar em vários lugares.

Outra experiência significativa que o professor destacou foi o trabalho com projetos. Ele disse que a escola organizava a “Feira de Ciências” e a Educação Física não participava, daí ele pensou e desenvolveu um projeto de pesquisa³ com os alunos para ser apresentado neste evento. Depois de um tempo, a Feira de Ciências passou a se chamar “Mostra de Trabalhos Pedagógicos”, por ser um nome mais amplo, e dava a entender de forma mais clara o envolvimento de todas as disciplinas. O professor informou que um dos trabalhos desenvolvidos com crianças de oito anos foi selecionado para ser apresentado em nível estadual, na cidade de Alta Floresta. De centenas de trabalhos de todo o Estado de Mato Grosso, apenas um era da Educação Física.

Outro momento significativo na carreira do professor pesquisado foi o convite feito pelo Prof. Ms. José Maria de Campos Melo, da UFMT, para ele ministrar um

³ O professor ressaltou que não se trata de uma pesquisa científica nos moldes acadêmicos, mas uma pesquisa de acordo com o nível dos alunos, que os mesmos possam desenvolver e apresentar.

módulo em um curso de especialização em Educação Física escolar em um município do interior de Mato Grosso. A princípio ele alegou não ter mestrado, daí José Maria encorajou-o dizendo que ele tinha vivência na escola e sempre registrava sua prática, e que na UFMT eles não tinham isto. O professor aceitou o convite e a experiência foi bastante significativa em sua trajetória profissional.

Sobre os momentos marcantes na carreira, Folle e Nascimento (2009) estudaram quatro professores de Educação Física com mais de 25 anos de atuação no magistério público. Os melhores momentos da carreira foram os extraclasse (competições esportivas, apresentações em datas comemorativas e cargos administrativos), enquanto os piores momentos pautaram-se nas condições de trabalho, no descontentamento com as políticas públicas e decepções com a classe docente.

Conforme o professor pesquisado:

Professor de Educação Física [...] quando se envolve num projeto te dá satisfação, levanta sua autoestima. É o que eu tinha falado antes, eu agora sou importante, eu participo da escola, antes eu ficava isolado na quadra, hoje não. Eu venho pra dentro da escola, se tiver que levar aluno pra aula externa nós vamos. Então isso é uma coisa que dá satisfação [...].

Segundo Huberman (1995), na fase de diversificação da carreira os professores são mais motivados, dinâmicos e mais empenhados nas equipes pedagógicas e nas comissões de reformas do ensino, lançando-se na busca de novos desafios. Essa busca responde a um receio emergente de cair na rotina ou monotonia.

O professor destaca também que seu trabalho na escola possibilitou o convite, por parte da Secretaria de Estado de Educação (Seduc), para ele trabalhar no “Projeto Tucum” com povos indígenas. Esse projeto envolvia professores de várias áreas. Segundo o professor, “[...] você ser lembrado, ser citado é uma coisa que dá satisfação e nos anima a trabalhar”. O professor parece ter chegado a um momento de serenidade na sua carreira. Huberman (1995) diz que na fase da serenidade e desinvestimento afetivo o professor abaixa o investimento e aumenta sua confiança e serenidade. Não se tem mais nada a provar, aos outros ou a si próprias.

c) Relação com colegas de trabalho e envolvimento com sindicato

Sobre o envolvimento com colegas de trabalho ao longo da sua carreira, ele disse que no início era escasso porque não tinha tempo, trabalhava em vários lugares, chegando a trabalhar em dois lugares diferentes em um mesmo período do dia. Depois do concurso começou a ficar na escola mais efetivamente, a “parar na escola”. Essa questão de trabalhar em vários lugares acaba prejudicando a qualidade do trabalho segundo o professor:

[...] você trabalha em meia dúzia de lugares, um pouquinho ali, um pouquinho aqui, você acaba não fazendo nada direito, faz tudo pela metade. Então: “Ah, vai ter reunião amanhã”. “Amanhã não posso porque eu tenho que dar aula em outro lugar”. Então você não se envolve, você não sabe, as coisas são decididas às vezes até contra você e você não estava na hora pra argumentar, pra assinar a ata. Ah, faltou Educação Física, “Ah, mas você não tava aí”. Então a partir do momento em que eu comecei a me envolver a parar mais na escola, participar dos eventos da reunião pedagógica, a dar minha opinião, o envolvimento foi ficando melhor.

À medida que seu envolvimento com a escola e colegas de trabalho foi ficando melhor, o professor teve a oportunidade de coordenar um projeto de educação ambiental durante cinco anos em uma das escolas que ele trabalhou. Segundo seu depoimento, ele conseguiu fazer com que todos os professores trabalhassem em uma “Conferência Escolar pelo Meio Ambiente”, com boa vontade e sem forçar ninguém. Ele disse que esta habilidade no relacionamento com os colegas foi se dando aos poucos:

[...] agora também vai muito assim do professor cativar, do professor ser assim sensível com os colegas. Então isso aí eu também aprendi depois, no dia a dia, no cotidiano da escola, como me relacionar com os colegas, com as diferenças. Cada um tem a sua diferença, ninguém é igual, cada um tem um nível de envolvimento, é diferente também e a gente tem que respeitar. Então esse respeito, essa consideração pelos colegas que foi melhorando a minha relação com os colegas com a equipe técnica da escola⁴.

O professor disse ainda que, durante a sua carreira, conviveu com equipe técnica que não era amiga, mas que aprendeu a respeitar. Mesmo apoiando outra candidata à direção, que não venceu, ele não faz um jogo contrário, pois não iria prejudicar a gestão da vencedora. Falou ainda que recebe elogios por isto, pois consegue circular em todos os ambientes. Sobre as amizades no trabalho, o professor tem amigos que vão à sua casa, outros não, mas entende que é preciso ter um bom relacionamento na escola, porque o trabalho é obrigatório e as pessoas vão conviver juntas durante anos e anos. Segundo o sujeito pesquisado, é preciso conciliar, ter “jogo de cintura”, ele considera ótimo seu relacionamento com os colegas.

Conforme Esteve (1995), a comunicação pode ser facilitadora ou obstáculo no processo de autorrealização no ensino. Ela é facilitadora quando o professor partilha seus problemas para não os acumular, expressa suas dificuldades e limitações, quando é utilizada para troca de experiências, ideias e conselhos com os colegas e os outros agentes da comunidade escolar. Neste sentido, o professor demonstrou

⁴ A equipe técnica ou equipe gestora da escola é composta pelo diretor, coordenador pedagógico e secretário.

que desenvolveu a habilidade de comunicação, de relacionar-se com os colegas e equipe gestora, e isto contribuiu para a realização de seu trabalho.

O contato com os colegas é fundamental para a transformação da atitude e do comportamento profissional, principalmente nos grupos com uma perspectiva inovadora (ESTEVE, 1995). O professor utiliza dinâmicas de grupo e atividades cooperativas nas reuniões de trabalho com os colegas:

[...] e a gente que acredita nos jogos cooperativos. Na cooperação tem que criar essa ambiência de cooperação. Então isso tem a ver que tocou mesmo no grupo. “Olha vamos fazer uma dinâmica, vamos fazer isso”. Onde tem atrito a gente tenta conciliar. Então essa característica que eu fui aprendendo no dia a dia, às vezes errando né, que dá esse suporte.

Outra coisa que o professor destacou como importante é ter vontade e disposição para trabalhar, “acordar com vontade de ir pro trabalho, se você: ‘Ah eu vou pra aquele trabalho de novo?’ Você fica até doente”. Conforme Dejours, Abdoucheli e Stocco (1994), o trabalho não é apenas fonte de doença e infelicidade, ele pode também ser operador de saúde e prazer, ou seja, tanto pode favorecer a saúde, quanto contribuir para o adoecimento⁵.

Já em relação ao envolvimento com sindicato, atualmente o professor faz parte da diretoria da subseção de Cuiabá do Sindicato dos Trabalhadores da Educação Pública (SINTEP). Ele percebe que de uns anos para cá o sindicato começou a defender mais a Educação Física. Citou uma audiência pública que ocorreu na Assembleia Legislativa Estadual, na qual o SINTEP trouxe um palestrante de fora para defender a Educação Física na área escolar. Nóvoa (1995b) destaca que o movimento associativo desempenhou um papel primordial na construção da profissão docente, o modelo sindical tornou-se hegemônico. Concordamos que a formação e atuação política são importantes para a profissionalização dos professores. “A afirmação profissional dos professores é um percurso repleto de lutas e de conflitos, de hesitações e de recuos” (NÓVOA, 1995b, p. 21).

O professor disse que sempre que pode participa das reuniões e encontros no SINTEP. No entanto, nem sempre pode participar efetivamente, uma vez que ele leciona até nove aulas por dia e tem cerca de 500 alunos/ano, com horários fechados, e não gosta de se ausentar da escola, que é seu principal compromisso. Portanto, fica difícil encaminhar outras atividades.

⁵ A esse respeito, recomendamos a leitura dos artigos “Nas trilhas da atividade: análise da relação saúde-trabalho de uma professora de Educação Física escolar” (ALMEIDA; HEICKERT; BARROS, 2011), e “Autoeficácia docente, satisfação e disposição para continuar na docência por professores de Educação Física” (IAOCHITE et al., 2011).

d) Políticas educacionais e formação continuada no decorrer da carreira

Sobre as políticas educacionais no decorrer da carreira, o professor percebe que elas mudam mais no papel, na prática não se vê tais mudanças. A grande mudança que ele vê foi em relação à educação por ciclos, da escola seriada para a ciclada. No entanto, ele diz que isso não surtiu muito efeito na prática, pois muitos professores ainda não estão preparados. Ele entende que a escola ciclada não se efetivou na prática, disse que essa ideia é compartilhada por aqueles que estão na escola, pelos estudiosos que apontam que faltaram várias questões para que a proposta ocorresse de fato e, que o Estado diz não ter condições financeiras.

Outro ponto que o professor destaca é em relação à oferta da Educação Física para os anos iniciais do ensino fundamental. Segundo ele, esta é uma bandeira de luta da Educação Física, que no município de Cuiabá sempre foi ofertada, mas na rede estadual não. Ele falou que chegou a dar aula para os anos iniciais do ensino fundamental em escola estadual durante uns dois ou três anos, pois gosta de trabalhar com esse público, mas a Secretaria de Estado de Educação (Seduc) o acusou de lecionar irregularmente, pois seu concurso era para os anos finais do ensino fundamental. Ele vê esta postura da Seduc influenciando negativamente sobre a Educação Física, pois:

[...] se tiver o professor de Educação Física lá, trabalhando desde a educação infantil de forma adequada, quando chega lá no 6º ano a criança não vai estranhar tanto. A criança já sabe o que é cooperar com os colegas, respeitar as regras, ela já vai estar motoramente mais trabalhada. Então hoje você pega criança com 11 anos, 12 anos de idade sem nenhum conhecimento do próprio corpo. Então você torna a habilidade de jogar vôlei como se fosse para uma criança de três anos. Então você vê muito disso, essa falta de preparo e nós não conseguimos isso, é uma política que não atende a escola e também à Educação Física (professor pesquisado).

Um aspecto positivo nas políticas educacionais, na opinião do professor, é a gestão democrática e dos recursos financeiros. Ele disse que antes o Ministério da Educação mandava recursos para Seduc, daí até chegar à escola esse recurso poderia ser desviado, com isso, as escolas ficavam sucateadas. De alguns anos para cá o dinheiro chega na conta da escola, que gerencia os recursos por meio do conselho escolar. O professor conta que trabalhou muitos anos em escolas com quadra descoberta. Quando passou a se envolver e participar das reuniões para estabelecer o Plano de Desenvolvimento da Escola (PDE), começou a pedir para arrumar e cobrir a quadra, até que conseguiu.

Em relação aos materiais pedagógicos para as aulas de Educação Física, o professor disse que não tem problemas nas escolas em que trabalha. Ele falou que passa a relação do que precisa para a direção da escola e ela providencia. Relatou situações

em que a diretora pediu para o professor fazer os três orçamentos e entregar para a secretaria da escola, porque o dinheiro já estava na conta. Mas para tanto, o professor entende que o professor de Educação Física precisa participar das reuniões e se envolver com os projetos da escola.

Sobre a formação continuada, o professor entende que ela deveria partir das Secretarias de Educação. Ele sugere que as Secretarias poderiam chamar os professores e verificar qual é a carência da Educação Física, o que estão precisando, e aí estabelecer um planejamento de formação continuada, quem sabe até chegar ao mestrado, mas isso não acontece. O que é comum são cursos esporádicos, aleatórios. Depois da universidade, a capacitação que ele teve foi a que ele procurou independentemente da Secretaria, com exceção de um curso de especialização para os professores da Rede Municipal de Educação de Cuiabá em parceria com a UFMT.

Ele lembra que todos os professores de Educação Física da rede foram convidados, só não participou quem não quis. Os professores que participaram desse curso elaboraram um livro chamado “O ensino da Educação Física: uma proposta curricular para a escola pública de Cuiabá”, no qual ele teve um artigo publicado. Foi a única experiência de formação continuada que o professor viu que funcionou. Os cursos de formação continuada que são oferecidos, quando têm, são descontextualizados, tratam de assuntos que ele já viu há 20 anos. Agora ele pesquisa os cursos de seu interesse, se programa e vai fazer, mesmo que seja em outro Estado. Na visão do professor, não se pode depender do poder público, é preciso ir atrás, pois ele não vê formação continuada significativa oferecida pelas Secretarias de Educação atualmente.

e) A possibilidade de desistir da carreira e o apoio familiar

Por volta dos dez anos de atuação profissional, o professor pensou em desistir da carreira docente. Isto aconteceu porque estava desanimado com a profissão, não via sentido em sua prática, percebia que seu trabalho não estava surtindo efeito, principalmente com os alunos. Então, teve vontade de fazer outra coisa, pois havia muitos conflitos e desentendimento com os alunos. Mas antes de abandonar a profissão, procurou ajuda na universidade. Um professor da Faculdade de Educação Física da UFMT sugeriu a ele o trabalho com os jogos cooperativos, indicou livros e cursos sobre o assunto. O professor pesquisado começou a fazer cursos, algumas vezes até nas férias. Segundo ele, era um investimento, “você tem que investir em você mesmo, não pode ficar esperando a secretaria, o poder público, que às vezes ficam anos sem ter curso de Educação Física”. Nesse sentido, o momento de crise desencadeou uma busca de conhecimentos novos que acabou dando mais ânimo para ele trabalhar.

Outro fator que contribuiu para que o professor pensasse em abandonar a profissão foram os atrasos de salários. Ele passou por um período em que os salários atrasavam até três ou quatro meses, e o 13º salário às vezes saía parcelado durante doze meses. Ele ficou muito descontente com a situação e pensou em abandonar o magistério, mas houve uma mudança na política, e o governo seguinte começou a colocar os salários em dia. Para o professor, ninguém está satisfeito com o atual salário, mas receber em dia é um respeito, na verdade, uma obrigação do empregador. A atual luta é pelo aumento do piso salarial, um piso mais decente para a categoria (de professores), mas essa é uma luta nacional. Depois de passar por esse momento difícil de atrasos de salários, ele se animou, e paralelamente começou a trabalhar de uma forma diferente, investindo em novos conteúdos e mais voltado para a cooperação.

Conforme Huberman (1995), por volta do “meio da carreira” pode ocorrer um questionamento, um “pôr-se em questão”. A monotonia da vida cotidiana em situação de sala de aula, ano após ano, que provoca o questionamento para uns, para outros pode ser o desencanto e os fracassos das experiências e reformas que as pessoas participam energicamente que desencadeiam a crise. A questão consiste em fazer um balanço da vida profissional e encarar a hipótese de outras carreiras. Por outro lado, parâmetros mais sociais como as características da instituição em que trabalha, o contexto político ou econômico ou acontecimentos na vida familiar também podem causar a crise. No caso do professor, parece ter sido a rotina e o fracasso com o ensino do esporte, somado ao contexto político e econômico de atrasos nos salários, que o puseram em questão, mas a saída encontrada foi buscar apoio na universidade e investir em novos conhecimentos e práticas.

Para o entrevistado, a vida pessoal tem influência na vida profissional e vice-versa. Ele sente a necessidade de desabafar, trocar ideias com outras pessoas além do seu círculo de trabalho. Além disso, algumas vezes precisa trabalhar aos sábados (eventos, torneios, festivais etc.), então é importante que a família compreenda, tenha paciência e colabore. Ele disse que conversa sobre o trabalho com a sua família, pede opinião para esposa e filhos, e pede ajuda para os filhos em algumas tarefas, como mexer no computador para fazer algum trabalho, por exemplo. O professor acredita que o apoio da família foi fundamental:

[...] as pessoas têm que respeitar e também valorizar o que você faz e isso influenciou e eu não tenho nada que reclamar, influenciou positivamente na minha carreira. Troca de ideias, incentivo, ajuda na hora de fazer uma monografia, isso aí ajudou sim, a família apoiando, você vai longe.

No entanto, quando o professor estava pensando em abandonar a profissão, por passar um momento de crise pessoal, prestou um concurso federal para Educação Física na antiga Escola Agrotécnica Federal de São Vicente (transformado em

Centro Federal de Ciência e Tecnologia – Cefet, atual Instituto Federal de Ciência e Tecnologia – IFMT). Mas ele não assumiu o concurso por dois motivos. Um deles de ordem familiar, um de seus filhos tinha acabado de nascer, e além de trabalhar durante a semana, ele teria que trabalhar um fim de semana sim e outro não, ficando afastado da família por muito tempo. Ele analisou a situação e acabou optando por não assumir o concurso e ficar mais próximo da família. De acordo com Gonçalves (1995), a vida particular ou pessoal influencia o percurso profissional dos professores, homens ou mulheres, principalmente as situações de nascimento e criação de filhos.

O segundo motivo da desistência do concurso federal, segundo o professor, foi o fato de que a Educação Física naquela escola tinha um caráter meramente recreativo e funcionalista, em que o professor teria que assumir a função de monitor para “ocupar” os alunos internos durante os fins de semana. Nas escolas públicas onde lecionou, tinha autonomia para trabalhar do seu modo, e na Escola Agrotécnica teria que se submeter às determinações pedagógicas da escola.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

O professor pesquisado passou pelas fases de entrada na carreira, estabilização, diversificação, questionamento (inclusive pensou em desistir da profissão) e parece ter chegado a um momento de serenidade. Não foram identificados em seus depoimentos características das fases de conservantismo e lamentações e nem de desinvestimento da profissão, ainda que ele esteja próximo da aposentadoria.

As experiências mais significativas do professor nas escolas foram com jogos cooperativos, danças circulares e folclóricas, a criação de um grupo de dança, participação na Mostra de Trabalhos Pedagógicos e no projeto interdisciplinar com aldeias indígenas e o convite para ministrar uma disciplina em um curso de especialização em Educação Física escolar.

O professor é membro da atual diretoria do Sintep e acredita que o envolvimento com o sindicato é importante, no entanto nem sempre consegue participar efetivamente devido ao compromisso com a escola. Sobre o envolvimento com colegas de trabalho, no início era escasso, pois trabalhava em vários locais. Depois, passou a ser mais efetivo, coordenou projetos, aprendeu a cativar, a ter sensibilidade e “jogo de cintura”. Alguns colegas fazem parte do seu círculo de amizades. A família sempre o apoiou, acompanhando e ajudando.

Sobre as políticas educacionais, o professor percebe que elas mudam mais no papel, na prática não se vê tais mudanças. A maior mudança foi em relação ao sistema de educação por ciclos. No entanto, ele entende que a escola ciclada não se efetivou na prática. Um aspecto positivo nas políticas educacionais na opinião do

professor é a gestão democrática e dos recursos financeiros. Sobre a formação continuada, pensa que deve partir da Secretaria de Educação. São mais comuns cursos esporádicos, aleatórios, com exceção de um curso de especialização voltado para os professores da Rede Municipal de Educação de Cuiabá em parceria com a UFMT. Na opinião do professor, não se pode depender do Poder Público; é preciso ir atrás, pois ele não vê formação continuada significativa oferecida pelas Secretarias de Educação atualmente.

Os resultados dessa pesquisa não podem ser generalizados, pois cada professor tem a sua história pessoal e profissional, teve e tem modelos de formação inicial e continuada diversificadas, atua em contextos e escolas diferentes. Concordamos com Nóvoa (1995a, p. 16), que observa que “cada um tem o seu modo próprio de organizar as aulas, de se movimentar na sala, de se dirigir aos alunos, de utilizar os meios pedagógicos, um modo que constitui uma espécie de segunda pele profissional”.

Ainda assim, um resultado importante desta pesquisa que merece ser destacado é que um professor experiente, com muitos anos de trabalho, nem sempre está “acomodado”, ele pode ser produtivo e importante na dinâmica de trabalho escolar. Ouvir a voz dos professores é uma estratégia de pesquisa e de formação continuada estimulante, pois essas pessoas/profissionais têm muitas coisas interessantes a nos dizer e a nos ensinar.

HISTORY OF LIFE, TRAINING AND PROFESSIONAL DEVELOPMENT OF A TEACHER OF PHYSICAL EDUCATION NETWORK OF PUBLIC EDUCATION

Abstract: The objective of this research was to analyze the life history, training and professional development of a physical education teacher who works in public education networks (municipal and state). We conducted a case study with a physical education teacher with 28 years in the profession and which stands out by doing a different work. The results showed that it passed through different stages in the teaching career (entry, stabilization, questioning, diversification and serenity). He thought about quitting career, invested in continuing education and testing new content. The most significant experiences were with cooperative games, circle dances and folk, creating a dance group, participation in the Exhibition of Works Pedagogical, in project with indigenous peoples and the invitation to teach a course in a specialized course in Physical Education school.

Keywords: history of live; training; physical education.

REFERÊNCIAS

ALCÂNTARA, A. C.; MORAES, E. A. L. de. Docência na Educação Superior: histórias de vida e de trabalho. In: CONGRESSO BRASILEIRO DE CIÊNCIAS DO ESPORTE E CONGRESSO INTERNACIONAL DE CIÊNCIAS DO ESPORTE. 17 e 19. 2011, Porto Alegre. **Anais...** Porto Alegre: Colégio Brasileiro de Ciências do Esporte, 11 a 16 set. 2011.

ALMEIDA, U. R.; HECKERT, A. L. C.; BARROS, M. E. B. de. Nas trilhas da atividade: análise da relação saúde-trabalho de uma professora de Educação Física Escolar. **Trabalho, Educação e Saúde**, Rio de Janeiro, v. 9, supl. 1, p. 245-263, 2011.

ALMEIDA, L. de; FENSTERSEIFER, P. E. Professoras de educação física: duas histórias, um só destino. **Movimento**, Porto Alegre, v. 13, n. 2, p. 13-35, maio/ago. 2007.

AMORIM FILHO, M. L. de; RAMOS, G. N. S. Trajetória de vida e construção dos saberes de professoras de Educação Física. **Revista Brasileira de Educação Física e Esportes**, São Paulo, v. 24, n. 2, p. 223-238, abr./jun. 2010.

BETTI, I. C. R.; BETTI, M. Novas perspectivas na formação profissional em Educação Física. **Motriz**, v. 2, n. 1, p. 10-15, jun. 1996.

BETTI, I. C.; MIZUKAMI, M. da G. N. História de vida: trajetória de uma professora de Educação Física. **Motriz**, v. 3, n. 2, p. 108-115, dez. 1997.

COSTA, B. de O.; HENRIQUE, J.; FREITAS, R. C. de. Escolha profissional e história de vida: uma análise da indução na carreira docente em Educação Física. In: CONGRESSO BRASILEIRO DE CIÊNCIAS DO ESPORTE E CONGRESSO INTERNACIONAL DE CIÊNCIAS DO ESPORTE. 17. e 4., 2011, Porto Alegre. **Anais...** Porto Alegre: Colégio Brasileiro de Ciências do Esporte, 11 a 16 set. 2011.

DEJOURS, C.; ABDOUCHELI, E; STOCCO, M. I. **Psicodinâmica do trabalho**: contribuições da escola dejouriana à análise da relação prazer, sofrimento e trabalho. São Paulo: Atlas, 1994.

ESTEVE, J. M. Mudanças sociais e função docente. In: NÓVOA, A. (Org.). **Profissão Professor**. 2. ed. Porto: Porto Editora, 1995, p. 93-124.

FOLLE, A.; NASCIMENTO, J. V. Momentos marcantes da trajetória docente em Educação Física. **Motriz**, Rio Claro, v. 15, p. 95-103, 2009.

FOLLE, A.; NASCIMENTO, J. V. Trajetória docente em Educação Física: percursos formativos e profissionais. **Revista Brasileira de Educação Física e Esporte**, São Paulo, v. 24, n. 4, p. 507-523, out./dez. 2010.

FOLLE, A.; FARIAS, G. O.; BOSCATTO, J. D.; NASCIMENTO, J. V. Construção da carreira docente em Educação Física: escolhas, trajetórias e perspectivas. **Movimento**, v. 15, n. 1, p. 25-49, jan./mar. 2009.

GONÇALVES, J. A. M. A carreira das professoras do Ensino Primário. In: NÓVOA, A. **Vidas de professores**. 2. ed. Porto: Porto Editora, LDA, 1995, p. 141-169.

GOODSON, I. Dar voz ao professor: as histórias de vida dos professores e o seu desenvolvimento profissional. In: NÓVOA, A. **Vidas de professores**. 2. ed. Porto: Porto Editora, LDA, 1995. p. 63-78.

HUBERMAN, M. O ciclo de vida profissional dos professores. In: NÓVOA, A. **Vidas de professores**. 2. ed. Porto: Porto Editora, LDA, 1995. p. 31-61.

IAOCHITE, R. T. et al. Autoeficácia docente, satisfação e disposição para continuar na docência por professores de Educação Física. **Revista Brasileira de Ciências do Esporte**, Florianópolis, v. 33, n. 4, p. 825-839, out./dez. 2011.

NÓVOA, A. Os professores e as histórias de vida. In: NÓVOA, A. (Org.). **Vidas de professores**. 2. ed. Porto: Porto Editora, LDA, 1995a, p. 13-33.

NÓVOA, A. O passado e o presente dos professores. In: NÓVOA, A. (Org.). **Profissão professor**. 2 ed. Porto: Porto Editora, LDA, 1995b, p. 13-34.

OLIVEIRA, A.; DIEHL, V. R. O.; SILVA, L. O. Histórias de vida e história da escola: conexões com os tempos atuais e o sentido da Educação Física escolar. In: CONGRESSO BRASILEIRO DE CIÊNCIAS DO ESPORTE E CONGRESSO INTERNACIONAL DE CIÊNCIAS DO ESPORTE. 16. e 3., Salvador. **Anais...** Salvador: Colégio Brasileiro de Ciências do Esporte, 20 a 25 set. 2009.

SANTOS, N. Z. de; BRACHT, V.; ALMEIDA, F. Q. de. Vida de professores de Educação Física: o pessoal e o profissional no exercício da docência. **Movimento**, v. 15, n. 2, p. 141-165, abr./jun. 2009.

WITTIZORECKI, E. S.; MOLINA NETO, V. Compreendendo mudanças sociais e o trabalho docente do professor de Educação Física na escola a partir das histórias de vida. In: CONGRESSO BRASILEIRO DE CIÊNCIAS DO ESPORTE E CONGRESSO INTERNACIONAL DE CIÊNCIAS DO ESPORTE. 17. e 4., Porto Alegre. **Anais...** Porto Alegre: Colégio Brasileiro de Ciências do Esporte, 11 a 16 set. 2011.

Contato

Marcos Roberto Godoi
E-mail: mrgodoi78@hotmail.com

Tramitação

Recebido em 17 de junho de 2012
Aceito em 31 de agosto de 2012